

## PESSOAS, PLANTAS E TERRITÓRIOS: RELAÇÕES ENTRE ETNOBOTÂNICA E FITOGEOGRAFIA DA MATA ATLÂNTICA NO ENTORNO DO PARQUE ESTADUAL DA SERRA DO TABULEIRO, SC

Mariama Brod Bacci<sup>1</sup>

Jairo Valdati<sup>2</sup>

Luiz Henrique Fragoas Pimenta<sup>3</sup>

**Resumo:** Este artigo trata das relações existentes entre uma comunidade tradicional e a biodiversidade da Mata Atlântica, com enfoque no conhecimento, uso e manejo de plantas alimentícias. A comunidade estudada, Guarda do Embaú, município de Palhoça (SC), localiza-se no entorno de uma Unidade de Conservação, o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro. O levantamento etnobotânico das espécies alimentícias foi realizado por meio de entrevistas semi-estruturadas com colaboradores-chave, além da descrição das fitofisionomias e mapeamento das áreas de coleta das espécies. Foram realizadas nove entrevistas, constatando o uso de 23 espécies, sendo Myrtaceae e Arecaceae as famílias botânicas mais expressivas. A parte da planta mais citada para consumo foi o fruto.

**Palavras-chave:** Comunidades Tradicionais. Mata Atlântica. Plantas Alimentícias. Etnobotânica. Fitogeografia.

## PEOPLE, PLANTS AND TERRITORIES: RELATIONS BETWEEN ETHNOBOTANY AND PHYTOGEOGRAPHY OF THE ATLANTIC RAINFOREST IN THE SURROUNDINGS OF THE STATE PARK OF SERRA DO TABULEIRO, SC

**Abstract:** This article addresses the existing relations between a traditional community and the biodiversity of the Atlantic Rainforest, with emphasis on the knowledge, use and handling of food plants. The community which was studied, Guarda do Embaú, municipal area of Palhoça (SC), is located in the surroundings of a Preservation Unit, the State Park of Serra do Tabuleiro. The ethnobotanical survey of the food species was conducted through semi-structured interviews with key contributors, as well as the description of the phytophysiognomy and mapping of the areas where the species were harvested. Nine interviews were carried out, ascertaining the use of 23 species, being Myrtaceae and Arecaceae the most notable botanical family. The part of the plant most cited for consumption was the fruit.

**Keywords:** Traditional community. Atlantic Rainforest. Foodplants. Ethnobotany. Phytogeography.

<sup>1</sup>Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil, [mariamabrod@gmail.com](mailto:mariamabrod@gmail.com), <https://orcid.org/0000-0003-0716-377X>

<sup>2</sup>Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil, [jairo.valdati@udesc.br](mailto:jairo.valdati@udesc.br), <https://orcid.org/0000-0002-7559-5315>

<sup>3</sup> Centro de Visitantes Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, Km 238 – Baixada do Massiambu, Palhoça. [serradotabuleiro@gmail.com](mailto:serradotabuleiro@gmail.com), <https://orcid.org/0000-0003-1868-9187>

## PERSONAS, PLANTAS Y TERRITORIOS: RELACIONES ENTRE LA ETNOBOTÁNICA Y LA FITO GEOGRAFIA DE LA MATA ATLÁNTICA EN LOS ALREDEDORES DEL PARQUE ESTATAL DE LA SIERRA DEL TABULEIRO, SANTA CATARINA

**Resumen:** Este artículo aborda las relaciones que existen entre una comunidad tradicional y la biodiversidad de la Mata Atlántica, con foco en el conocimiento, uso y manejo de plantas comestibles. La comunidad que hizo parte del estudio, Guarda do Embaú, en el municipio de Palhoça (SC), se localiza en los alrededores de una Unidad de Conservación, el Parque Estatal de la Serra do Tabuleiro. El estudio botánico de especies alimenticias fue realizado por medio de entrevistas semi-estructuradas con colaboradores-llave, además de las descripciones fitofisionómicas y del mapeo de áreas de recolección de especies. Fueron realizadas nueve entrevistas, confirmando el uso de 23 especies, siendo la Myrtaceae y la Arecaceae las familias botánicas más expresivas. La parte de la planta más citada para consumo fue la fruta.

**Palabras clave:** Comunidad Tradicional. Mata Atlántica. Plantas Comestibles. Etonobotánica. Fitogeografía.

### Introdução

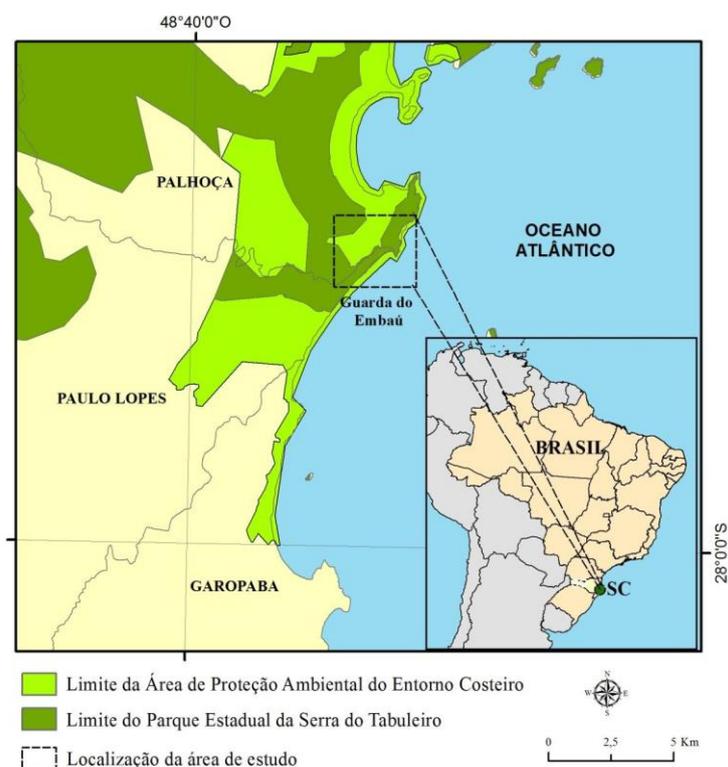
O presente artigo aborda os conhecimentos e usos associados à espécies vegetais alimenticias pertencentes a formações vegetais do bioma Mata Atlântica pela comunidade de pescadores artesanais da Guarda do Embaú (Palhoça, Santa Catarina). Buscou-se também caracterizar as fitofisionomias existentes no território e mapear as principais áreas de coleta de espécies apontadas pelos colaboradores entrevistados na pesquisa. Os dados levantados fazem parte das pesquisas de TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) e Mestrado da autora, com a colaboração dos demais autores.

A Guarda do Embaú está localizada na Baixada do Massiambú, Sul do município de Palhoça, Santa Catarina. É uma comunidade de origem açoriana, antigamente baseada em duas atividades centrais, a pesca artesanal e a agricultura de subsistência. Entre as décadas de 1970 e 1980 o bairro passa a se transformar em um balneário turístico, atraindo veranistas de todo o país e de diversas partes do mundo. O turismo de verão é atualmente a principal fonte de renda da comunidade, que durante a temporada trabalha em pousadas, restaurantes, lojas e outros serviços que visam atender a demanda turística. No período de baixa temporada grande parte da comunidade artesanal se dedica à pesca artesanal, tanto no rio da Madre quanto no mar, sendo esta atividade uma importante provedora de segurança alimentar e nutricional para as famílias.

A comunidade da Guarda do Embaú está inserida no contexto das duas maiores Unidades de Conservação de Santa Catarina, o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro e a Área de Proteção Ambiental da Baleia Franca (Figura 1), consideradas pelo Ministério do Meio Ambiente como áreas prioritárias para a conservação da Mata Atlântica. Estes fatos foram responsáveis por colaborar com a proteção da biodiversidade local. No entanto, a natureza, assim como os aspectos culturais da comunidade tradicional estão ameaçados pelo crescimento urbano acelerado e sem planejamento, decorrente do turismo na região. Soma-se a isso o interesse cada vez maior para implantação de empreendimentos hoteleiros, marinas e resorts, com apoio da prefeitura e ainda contemplados no Plano Diretor do município.

De acordo com Roberto Miguel Klein (1978), em seu Mapa Fitogeográfico do Estado de Santa Catarina, a área de estudo abrange a Vegetação Litorânea (banhados, dunas, restingas) e a Floresta Floresta Tropical Atlântica do Litoral e Encosta. No contexto da área de estudo, a Vegetação Litorânea está inserida na Planície Costeira e a Floresta Atlântica na Serras do Leste Catarinense e planícies próximas.

**Figura 1-** Área de Estudo no Contexto das Unidades de Conservação.



Fonte: Elaborado por Pimenta, L. H. F, 2015.

## **Mata Atlântica: História de Ocupação e Comunidades Tradicionais**

O bioma Mata Atlântica é um complexo de formações vegetais que cobria total ou parcialmente 17 estados das regiões Sul, Sudeste, Nordeste e uma pequena porção do Centro-Oeste (no MS) do Brasil.

De acordo com a Lei da Mata Atlântica (11.428/2006), este bioma é composto pelas seguintes formações vegetais: Floresta Ombrófila Densa; Floresta Ombrófila Mista, também denominada de Mata com Araucárias; Floresta Ombrófila Aberta; Floresta Estacional Semidecidual; e Floresta Estacional Decidual, bem como os manguezais, as vegetações de restingas, campos de altitude, brejos interioranos e enclaves florestais do Nordeste.

A história da Mata Atlântica é antiga e está ligada aos processos de mudanças ambientais do Período Quaternário, onde as alterações paleoclimáticas foram responsáveis por sucessivos avanços e recuos das áreas florestadas. Dessa forma, nos períodos de clima mais frio (glaciais), as florestas ficavam comprimidas em fragmentos isolados, “refúgios de fauna” e “redutos de vegetação” favorecendo processos de modificação genética (AB´SABER, 2003). Já nos períodos mais quentes (interglaciais), as florestas voltavam a ocupar áreas extensas e re-conectar os fragmentos. Provavelmente esta seja uma variável importante para a compreensão dos elevados níveis de biodiversidade e endemismos presentes na Mata Atlântica, já que as alterações climáticas e de cobertura florestal ao longo de milhares de anos, acabaram por favorecer os processos de especiação.

A transição entre as épocas Pleistoceno-Holoceno é marcada também pela expansão de populações humanas pré-históricas que encontraram condições ambientais favoráveis para a ocupação de novas áreas. Tratando dos primeiros ocupantes do Brasil meridional, PROUS (2006) coloca que:

Apenas acerca de 7.000 anos atrás, o oceano – que, a partir de 15.000 anos atrás, invadia progressivamente as terras emersas – se aproximou de seu nível atual e começou a delinear as praias que conhecemos hoje. Dessa forma, os sítios deixados pelos grupos que exploraram a faixa costeira antes dessa data estão submersos e ainda permanecem fora do alcance dos arqueólogos. Os sítios mais visíveis na paisagem litorânea são os conhecidos sambaquis, que ocupam o litoral do Rio de Janeiro até Torres (RS) (PROUS, 2006. p.33).

Os sambaquis são ocupações características formadas por acúmulo de conchas de moluscos que aparecem nas regiões de planície litorânea, geralmente

nas áreas de baías e reentrâncias da costa. As datações dos sítios arqueológicos sambaquis confirmam sua ocupação entre 7.000 e 5.000 anos AP (antes do presente) e permanecem até 2.000 anos AP (PROUS, 2006). Não se sabe ao certo o que causou o fim da população dos sambaquis, mas existem hipóteses, pois a partir de 2.000 anos AP os sítios passam a não apresentar mais edificações de conchas e começam a aparecer vestígios de cerâmicas, anzóis de ossos, mudanças na forma de sepultamento, entre outros. Acredita-se na influência de populações vindas do planalto, pela presença da Cerâmica Itararé (PROUS, 2006).

Na sequência das ocupações dessa região da Mata Atlântica, têm-se os Guarani. De acordo com BROCHADO (1989) os falantes do tronco linguístico Tupi, no período da chegada dos europeus, ocupavam praticamente todo o litoral atlântico, desde a desembocadura do Rio Amazonas até o estuário do Rio da Prata e também eram presentes em diversas áreas a Oeste, próximos aos leitos de grandes rios. O manejo territorial realizado pelos indígenas não simplificou ecossistemas, não diminuiu a diversidade de espécies e em muitos casos, foi capaz de aumentar a biodiversidade, como aponta BALÉE (2006, p. 184): “*Sociedades indígenas moldaram não apenas mosaicos de ambientes com ricas manchas de recursos naturais úteis, mas também, em alguns casos, aprimoraram a diversidade local (alfa) de espécies*”.

Os habitantes pré-históricos desenvolveram modos de vida completamente integrados às dinâmicas naturais, onde sociedades humanas coevoluíram com as paisagens em que estavam inseridos. Essa coevolução pode ser identificada historicamente pela domesticação de plantas e também pela domesticação de paisagens. Anteriormente à chegada dos colonizadores no Brasil, já havia séculos de manejo de florestas e domesticação de plantas.

A dicotomia existente na atualidade entre sociedade e natureza revela que as florestas, em especial as tropicais, fazem parte do imaginário de grande parte da população quando se trata do estigma “natural”. Como se estas fossem livres de qualquer tipo de influência antrópica. Referindo-se especialmente à Mata Atlântica, Oliveira (2007, p. 01) menciona que: “*A Mata Atlântica, tal como a conhecemos hoje, evidencia, em sua composição, estrutura e funcionalidade, a resultante dialética da presença de seres humanos, e não da sua ausência*”. Portanto, grande parte das florestas e as demais formações vegetais, são resultado de uma combinação de variantes naturais, como os fatores climáticos, geológico-geomorfológicos, os tipos

de solo, pluviosidade, fauna e flora, mas também fatores humanos, que desde a pré-história realizam atividades como a seleção de espécies, o uso do fogo, o manejo do solo, a agricultura agroflorestal, entre outros. Trata-se, portanto, de um processo coevolutivo, onde tanto os grupos humanos quanto os ecossistemas são mutuamente influenciados e modificados constantemente.

Com a chegada dos colonizadores, houve apropriação dos conhecimentos ligados ao manejo dos ecossistemas litorâneos já realizados pelos Guarani. A pesca, a agricultura de subsistência de gêneros alimentícios como a mandioca, milho, feijão, batata doce, abóbora, amendoim, entre outros, assim como a coleta e uso de espécies medicinais e alimentícias fizeram parte dessa adaptação ao ambiente. Nesse sentido, a colonização açoriana do litoral catarinense, que se deu a partir do século XVIII, se desenvolveu em pequenos povoados baseados principalmente na pesca e agricultura, como aponta DIEGUES (1999):

Frente a uma natureza desconhecida, os portugueses e a população brasileira, a qual se constituiu ao longo do empreendimento colonial, adotaram as técnicas adaptativas indígenas. Deles incorporaram sua base alimentar constituída pelo plantio do milho, mandioca, abóbora, feijões, amendoim, batata doce, cará, etc. Adotaram os produtos de coleta compondo sua dieta com a extração do palmito e de inúmeras frutas nativas como o maracujá, pitanga, goiaba, bananas, caju, mamão e tantas outras. E, como complemento essencial, apoiaram-se na caça e pesca. (DIEGUES, 1999 p.27).

### **Comunidade Tradicional e Urbanização**

O primeiro ciclo econômico brasileiro, do pau-brasil, aconteceu no bioma Mata Atlântica. Dean (2004) coloca que nos primeiros anos de extração da madeira foram coletadas cerca de 1.200 toneladas/ano, sendo esta bastante lucrativa para a coroa portuguesa. Já em 1588, 4.588 toneladas da madeira corante passaram pela aduana portuguesa. Havia também o tráfico clandestino de pau-brasil pelos franceses, ingleses e espanhóis. Porém, logo se fez necessário controlar a extração desta madeira, que estava em vias de acabar. Assim seguiu o processo de colonização do Brasil, a vinda de imigrantes, principalmente europeus, a fixarem suas residências na então colônia portuguesa. Outros ciclos econômicos brasileiros aconteceram em áreas anteriormente ocupadas pela Mata Atlântica, como o do açúcar e do café.

Com os processos de industrialização e urbanização instalados no Brasil principalmente desde a década de 1930, iniciou-se a saída de famílias das áreas

rurais, buscando moradia e trabalho em áreas urbanas em implantação, processo conhecido como êxodo rural. Sendo que este passou a ser uma tendência e as áreas urbanas passam a crescer aceleradamente. No caso do litoral, além da expansão urbana e industrial, há a valorização das terras, por serem locais turísticos, gerando a especulação imobiliária. No entanto, estes locais eram/são habitados por populações anteriores ao modo de produção capitalista atual, desenvolviam/desenvolvem atividades voltadas principalmente para subsistência da comunidade, estas são as chamadas populações tradicionais. Neste contexto, Diegues (2000) coloca que:

Numa perspectiva marxista, as culturas tradicionais estão associadas a modos de produção pré-capitalistas, próprios de sociedades em que o trabalho ainda não se tornou mercadoria, em que a dependência do mercado já existe, mas não é total. Essas sociedades desenvolveram formas particulares de manejo dos recursos naturais que não visam diretamente o lucro, mas a reprodução cultural e social como também percepções e representações em relação ao mundo natural marcadas pela ideia de associação com a natureza e a dependência de seus ciclos. Culturas tradicionais, nessa perspectiva, são aquelas que se desenvolvem do modo de produção da pequena produção mercantil. (DIEGUES, 2000 p. 21)

Contudo, em se tratando das comunidades de origem açoriana no litoral catarinense, muitas destas já perderam suas características tradicionais, incorporando em seu modo de vida outras culturas, absorvidas pelo contato constante com pessoas de diversas origens, relações econômicas, tecnologias, etc., sendo praticamente “engolidas” pela vida moderna. As comunidades anteriores à implantação deste processo de urbanização, em muitos casos, não encontram condições para manter seu modo de vida tradicional, sendo que sem a necessidade de produção destes saberes, que são transmitidos por meio da tradição, estes correm sério risco de serem extintos. Gandolfo (2010), tratando de uma área em que a comunidade é fortemente influenciada pela urbanização coloca que:

Esta urbanização, ocorrendo de forma acelerada, trouxe impactos irreversíveis tanto para o ambiente, através da ocupação das áreas originalmente cobertas pela vegetação de restinga que passaram a servir como espaço para construção de edificações e rodovias, quanto para a cultura tradicional, que passa por mudanças em seu modo de vida e conseqüentemente perde as condições necessárias a manutenção de seus saberes tradicionais associados à biodiversidade. (GANDOLFO, 2010. p. 10).

De acordo com o Decreto Federal nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007, que institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, tem-se esta definição:

Estes são os grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição. (BRASIL, 2007)

As comunidades tradicionais possuem uma relação íntima com a natureza, obtendo dela os mais diferentes recursos, possuem também um conhecimento e um linguajar próprio para a identificação de certas espécies, ambientes, ciclos naturais. Estes conhecimentos são resultado de uma longa interação homem – natureza, transmitidos através das gerações. O conhecimento ecológico local, ou conhecimento ecológico tradicional, engloba toda uma gama de conceituações que consideram desde as diversas interpretações para o termo ecológico, referindo-se ao ambiente biótico, abiótico e mesmo cultural, até a questão da definição da tradicionalidade dos seus detentores. (HANAZAKI, 2003)

O conhecimento local, ou conhecimento tradicional, pode ser entendido como o saber e o saber-fazer a respeito do mundo natural e sobrenatural, transmitidos, em geral, oralmente de geração para geração (DIEGUES, 2000). Este conhecimento inclui também formas de manejo da natureza, como, por exemplo, o adensamento de uma área com determinada espécie alimentícia de interesse da comunidade, a domesticação de espécies, entre outras práticas que englobam diversos conhecimentos do mundo natural. Tratando sobre a perspectiva da etnoconservação, cujos idealizadores consideram que os conhecimentos tradicionais devem contribuir para a conservação da natureza, Diegues (2000) coloca que: Pesquisadores consideram que as culturas e os saberes tradicionais podem contribuir para a manutenção da biodiversidade dos ecossistemas. Em numerosas situações, esses saberes são o resultado de uma coevolução entre as sociedades e seus ambientes naturais, o que permitiu a conservação de um equilíbrio entre ambos. Isso conduziu ao interesse pela diversidade cultural, que também está ameaçada pela mundialização de modelos culturais dominantes.

No caso da comunidade Guarda do Embaú, que está no contexto da exploração turística do litoral catarinense, foi possível verificar a existência de um

modo de vida que por um lado preserva suas raízes tradicionais, que se expressam tanto na cultura material, quanto nas esferas simbólicas e religiosas. Compostas por saberes relacionados às plantas, aos ciclos naturais, à confecção de redes de pesca, cestarias, esteiras de taboa e junco, aos hábitos alimentares e comportamentais, ao linguajar e na forma de se relacionar. Por outro lado, percebe-se a forte influência do turismo, que trouxe expressivas mudanças, positivas e negativas, para a comunidade.

## **Metodologia**

Os procedimentos metodológicos adotados para a realização da pesquisa contam com levantamento de dados etnobotânicos por meio de entrevistas individuais semiestruturadas com colaboradores-chave, listagem livre de plantas e identificação das áreas de coleta com o uso de fotografias aéreas. A Etnobotânica é uma área do conhecimento situada na interface entre as ciências humanas e naturais, que busca compreender as relações existentes entre pessoas e plantas, contemplando seus mais diversos usos: medicinais, alimentícios, rituais, madeireiros, ornamentais, entre outros. Albuquerque (2005 p. 06) coloca que: *“Podemos entender a Etnobotânica como o estudo da inter-relação direta entre pessoas viventes e as plantas do seu meio. Aliam-se: fatores culturais e ambientais, bem como as concepções desenvolvidas por estas culturas sobre as plantas e o aproveitamento que se faz delas”*.

As entrevistas foram realizadas com 9 (nove) colaboradores-chave da comunidade. Optou-se por entrevistar adultos acima de 30 anos, moradores nativos da localidade. Ainda, para a realização das entrevistas os participantes receberam previamente esclarecimentos sobre a pesquisa, assim como o uso dado às informações por eles cedidas, tendo em vista as normas estabelecidas pelo Comitê de Ética e Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (CEPESH). As entrevistas só foram realizadas com os participantes que concordaram em assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Além do estudo etnobotânico, a pesquisa possui uma segunda etapa referente à Fitogeografia, ciência esta que, por ser um ramo da Biogeografia, busca analisar espacialmente as causas e efeitos da distribuição da vegetação em diferentes escalas. Deste modo, os resultados da primeira etapa, como a listagem

de plantas nativas consumidas pela comunidade, foram associadas por meio dos pontos de coleta indicados pelos entrevistados, às Formações Vegetais existentes na região. Estas informações, juntamente com as observações em campo, análise de imagens de satélite/fotografias aéreas e estudo bibliográfico da área da botânica, resultaram na determinação das fitofisionomias presentes no território.

A identificação das áreas de coleta foi realizada com a sobreposição dos locais citados pelos informantes e apontados por eles nas fotografias aéreas, gerando assim quatro áreas preferenciais para a coleta das espécies nativas alimentícias. Para a espacialização das áreas foi utilizado como ferramenta o Sistema de Informações Geográficas (SIG), que permite o georreferenciamento e a criação de banco de dados para a área.

### **Recorte Espacial: Formações Vegetais na Guarda do Embaú**

A Guarda do Embaú apresenta uma diversidade bastante expressiva de ambientes, sendo que seus aspectos físicos - rochas, relevos, solos, pluviosidade - acabam por condicionar a ocorrência de determinados agrupamentos vegetais. Roberto Miguel Klein, em seu artigo "Fisionomia, importância e recursos da vegetação do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro" (1981) descreve alguns aspectos das seguintes formações vegetais presentes na área de estudo: Vegetação Litorânea (Restinga) e Vegetação das Matas de Planícies Quaternárias. Portanto, esta foi a referência adotada para a caracterização destas formações. Assim, a descrição das fitofisionomias aqui apresentadas, foi realizada tendo como base os trabalhos de Klein (1981, 1984), CONAMA (1999) e observações feitas em campo com coleta e identificação de material botânico.

A Floresta Pluvial da Encosta Atlântica ocorre na área de estudo ao longo do chamado Morro da Guarda/Pinheira (Figura 2), formado pelo Embasamento Cristalino Pré-Cambriano, onde predominam rochas graníticas e diques de diabásio. É caracterizada por uma formação secundária com idade entre 30 – 40 anos (desde o abandono das áreas de cultivo até os dias de hoje). No entanto, por ser uma área ainda utilizada pela população por meio das diversas trilhas que levam às praias e mirantes (como a Pedra do Urubu), somando a este fato existem também, algumas construções no entorno e a criação de gado em alguns locais.

**Figura 2-** Aspectos da Vegetação presente no Morro da Guarda/Pinheira



Fonte: Arquivo dos autores.

A vegetação presente nessa área encontra-se em estágios de sucessão ecológica distintos, assim como há a ocorrência de espécies exóticas trazidas pelos moradores, principalmente nas proximidades das ocupações. Outro fator importante é a influência marítima que esta vegetação recebe, apresentando muitas espécies compartilhadas com a vegetação de restinga. Porém, de forma geral, a vegetação é composta pelos estratos herbáceo, arbustivo e arbóreo bem definidos em alguns setores, apresentando espécies emergentes no dossel. O solo da floresta é composto por uma camada de serapilheira desenvolvida em alguns locais e menos em outros, pelo fato de que o solo é bastante raso e litólico.

No estrato herbáceo são comuns as samambaias e aráceas. Já no estrato arbustivo são constantes as grandíúvas-d'anta (*Psychotria suterella* Müll.Arg. e *Psychotria laciniata* Vell.), que em alguns locais formam densos agrupamentos no sub-bosque da mata. No estrato arbóreo médio é visível a presença dominante das myrtaceas, principalmente: araçá (*Psidium cattleianum* Sabine), guamirim (*Eugenia kleinii* D. Legrand), (*Eugenia stigmata* DC). Neste estrato ocorre também a palmeira tucum (*Bactris setosa* Mart.) e o palmitreiro (*Euterpe edulis* Mart.), sendo o último bastante raro no local.

No estrato arbóreo superior da mata se constata a presença de capororoca (*Myrsine umbellata* Mart.), mangue-formiga (*Clusia criuva* Cambess.), jerivá (*Syagrus romanzoffiana* (Cham. Glassman), embaúba (*Cecropia pachystachya* Trécul), formando por estas espécies um dossel bastante característico. Ainda no estrato arbóreo ocorre a guabiroba (*Campomanesia reitziana* D. Legrand), a baga-de-macaco (*Posoqueria latifolia* (Rudge) Roem. & Schult.), camboatá vermelho (*Cupania avernalis* Cambess.), pitangueira (*Eugenia uniflora* L.).

Há a presença de epífitas, porém não formam grandes adensamentos nos troncos das árvores, o que pode significar, juntamente com as demais características, que esta mata encontra-se em alguns setores no estágio médio de regeneração. Nos costões rochosos há a presença de vegetação arbustiva e herbácea, onde percebe-se a dominância dos gravatás, principalmente bananinha do mato (*Bromelia antiacantha* Bertol.).

Nas áreas mais abrigadas dos ventos e da influência do mar, mais ao interior da planície quaternária localizada principalmente entre o Rio da Madre e a Lagoa do Ribeirão (município de Paulo Lopes), encontram-se alguns fragmentos remanescentes de vegetação arbórea, as Matas de Planície Quaternária (Figura 3). São dois os principais fragmentos deste tipo de formação próximos a Guarda do Embaú, e que segundo relatos dos moradores, estes são utilizados pela comunidade para a coleta das plantas alimentícias. Um deles mais isolado, e com tamanho menor, aproximadamente 19,2 hectares e outro que se estende da beira do Rio da Madre até as proximidades da Lagoa do Ribeirão, com 105,5 hectares.

Estes fragmentos de Matas de Planície Quaternária situam-se em diferentes depósitos sedimentares, sendo os mais predominantes o lagunar e o eólico. De acordo com o substrato (arenoso e seco ou periodicamente encharcado) onde está situada a vegetação, ocorrem certas variações entre as espécies dominantes. Por entre meio a estes fragmentos, encontram-se algumas manchas de vegetação arbórea menos densas, rodeadas por pastagens e em alguns casos por banhados dominados por espécies aquáticas, sendo a mais constante delas a tiririca (*Cladium mariscus* L. Pohl).

**Figura 3 – Aspectos da Mata de Planície Quaternária.**

Fonte: Arquivo dos autores.

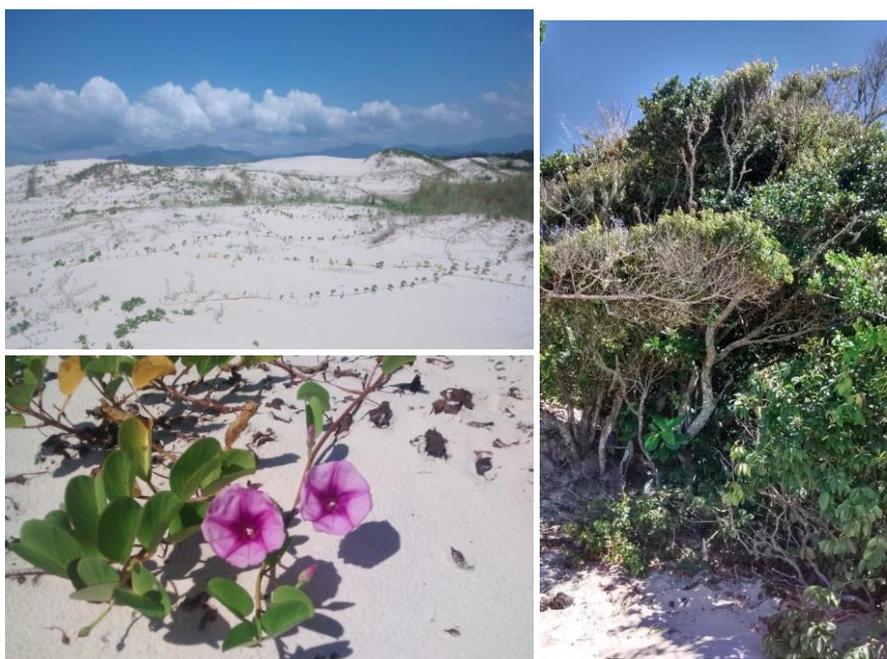
Esta formação possui os estratos bem definidos, assim como uma grande quantidade de espécies epífitas, dentre elas destacam-se as bromeliáceas e orquidáceas. O estrato arbóreo apresenta bastante diversidade, percebe-se uma certa dominância no estrato médio de myrtaceae, dentre elas: araça (*Psidium cattleianum* Sabine), guamirim (*Myrcia dichrophylla* D. Legrand), guamirim-araça (*Myrcia glabra* (O.Berg) D. Legrand), comboím (*Myrcia multiflora* (Lam.) DC.), biguaçu (*Eugenia umbelliflora* O.Berg), guamirim (*Eugenia catharinensis* D. Legrand), guamirim (*Myrcia brasiliensis* Kiaersk.), pitangueira-do-mato (*Myrcia palustris* DC.), pitangueira (*Eugenia uniflora* L.) e guamirim-de-folha-miúda (*Myrcia splendens* Sw. DC).

Constata-se facilmente no dossel a presença do jerivá (*Syagrus romanzoffiana* (Cham.) Glassman) e a figueira-de-folha-miúda (*Ficus cestrifolia* Schott), conferindo uma característica própria a esta formação quando vista de longe. Outras árvores encontradas são: a guapeva (*Pouteria caimito* (Ruiz & Pav.) Radlk), o pexiricão (*Miconia ligustroides* (DC.) Naudin), baga-de-pomba (*Byrsonima ligustrifolia* A. Juss.), Ingá (*Inga sessilis* (Vell.) Mart. e *Inga striata* Benth.), camboatá (*Guarea macrophylla* Vahl), baga-de-macaco (*Posoqueria latifolia* (Rudge) Roem. & Schult.), bacupari (*Garcinia gardneriana* (Planch. & Triana) Zappi), pimenteira-

selvagem (*Faramea montevidensis* (Cham. & Schlttdl.) DC.), guabirobeira (*Campomanesia littoralis* D. Legrand), caúna (*Ilex theezans* Mart. ex Reissek), canela-do-brejo (*Ocotea pulchella* (Nees) Mez), ipê-amarelo (*Handroanthus umbellatus* (Sond.) Sandwith), figueira-do-brejo (*Coussapoa schttii* (Schott) Rizzini), seca-ligeiro (*Pera glabrata* (Schott) Poepp. ex Baill.), aroeira-brava (*Lithraea brasiliensis* Marchand), aroeira (*Schinus terebinthifolia* Raddi), capororoca (*Myrsine umbellata* Mart.), entre outras. No estrato arbustivo é bastante comum as grandeúvas-d'anta (*Psychotria suterella* Müll.Arg. e *Psychotria laciniata* Vell.).

O estrato herbáceo em alguns locais é bastante denso e por vezes intransponível pela quantidade de bromeliáceas, principalmente *Nidularium innocentii* Lem., *Canistrum lindenii* (Regel) Leme, *Nidularium procerum* Lindm., que ocupam o chão úmido da floresta. Nesta fitofisionomia encontram-se as seguintes espécies alimentícias citadas nas entrevistas: bacupari (*Garcinia gardneriana* (Planch. & Triana) Zappi), os ingás Ingá (*Inga sessilis* (Vell.) Mart. e *Inga Striata* Benth.), baga-de-macaco (*Posoqueria latifolia* (Rudge) Roem. & Schult.), guabioba-da-praia (*Campomanesia littoralis* D. Legrand), biguaçú (*Eugenia umbelliflora* O.Berg), araçá (*Psidium cattleianum* Sabine), jervá (*Syagrus romanzoffiana* (Cham.) Glassman), aroeira *Schinus terebinthifolia* Raddi), pitangueira (*Eugenia uniflora* L.).

A Vegetação Litorânea está associada às planícies costeiras ou quaternárias, onde predominam sedimentos arenosos de deposição geralmente marinha e eólica, “composta por vegetação herbácea nas ante-dunas e arbustiva, sobretudo nas dunas fixas ou semi-fixas, formando uma série de agrupamentos, de acordo com as diferentes condições edáficas locais” (KLEIN, 1981). A praia da Guarda do Embaú localiza-se na foz do rio da Madre, formando uma barra de sedimentos arenosos de deposição principalmente marinha, remodelada constantemente pela ação dos ventos, do rio e do mar. Neste local a vegetação é essencialmente herbácea nas dunas semi-fixas, havendo também campos de dunas móveis (Figura 4).

**Figura 4-** Aspectos da Vegetação Litorânea – Restinga.

Fonte: Arquivo dos autores.

As espécies mais características deste setor, que estão bastante suscetíveis aos fortes ventos e salinidade são espécies mais resilientes e adaptadas, como a batateira-da-praia (*Ipomoea pes-caprae* L. R. Br.), a tiririca-da-praia (*Heleocharis geniculata* (L.) Roem. & Schult.), capim-da-praia (*Andropogon arenarius* Hack.) e o pinheirinho-da-praia (*Remirea marítima* Aubl.).

Nas áreas mais baixas, em que ocorrem alagamentos constantes das águas pluviais, há formação de banhados com vegetação típica, constituída principalmente por Ciperáceas e Tifáceas. Estes banhados são bastante característicos na região da Baixada do Massiambú, onde as espécies dominantes são tiririca (*Cladium mariscus* (L.) Pohl) que forma densos agrupamentos e taboa (*Typha domingensis* Pers.) que ocorre de forma mais isolada.

Na margem esquerda do rio da Madre, mais protegida dos ventos e da salinidade, há a formação de dunas com vegetação arbustiva, compostas principalmente por: vassoura-vermelha (*Dodonaea viscosa* Jacq.), aroeira (*Schinus terebinthifolius* Raddi), tarumã (*Vitex megapotamica* (Spreng.) Moldenke), aroeira-brava (*Lythraea brasiliensis* Marchand), guamirim (*Eugenia catharinae* O. Berg), maria-mole (*Guapira opposita* (Vell.) Reitz), guabiroba-da-praia (*Campomanesia littoralis* D. Legrand) entre outras. Verificando-se, portanto, o processo de fixação

destas dunas. No estrato herbáceo encontram-se principalmente samambaias do gênero *Polystichum*. Em maré cheia, sabe-se que as águas do mar entram no rio da Madre até praticamente a altura da BR 101 e lagoa do Ribeirão, portanto, em algumas áreas há deposição de sedimentos de origem flúvio-marinha, onde ocorrem espécies típicas de vegetação manguezal (*Rhizophora mangle* L., *Avicennia schaueriana* Stapf & Leechm. ex Moldenke e *Laguncularia racemosa* (L.) C. F. Gaertn.) e de transição restinga – manguezal, como a aroeira (*Schinus terebinthifolius* Raddi) e o hibisco-do-mangue (*Talipariti pernambucense* (Arruda Bovini) e espécies variadas de gramíneas de ambientes úmidos (como capim praturá).

Nas dunas do Cumbatá, estrada de terra que liga a Guarda do Embaú à Pinheira, além das espécies citadas acima para as dunas fixas, é possível constatar a presença de bromeliáceas, principalmente chupi-chupi (*Aechmea nudicaulis* (L.) Griseb.), camarinha (*Gaylussacia brasiliensis* Meisn.), orquídea-da-praia (*Epidendrum fulgens* Brongn.), erva-balieira (*Varronia curassavica* Jacq.), araçá (*Psidium cattleianum* Sabine), biguaçu (*Eugenia umbelliflora* O. Berg) pitangueira (*Eugenia uniflora* L.), capororoca (*Myrsine coriácea* (Sw.) R.Br. ex Roem.& Schult.), camboatá-branco (*Matayba elaeagnoides* Radlk.) e se verifica a presença constante dos butiás (*Butia capitata* (Mart.) Becc.). Nestas diferentes fitofisionomias da restinga, encontram-se as áreas de coleta referentes às Dunas da praia da Guarda do Embaú e dunas do Cumbatá, sendo as seguintes espécies alimentícias de ocorrência nestas áreas: erva-balieira (*Varronia curassavica* Jacq.), guabiroba-da-praia (*Campomanesia littoralis* D. Legrand), butiá (*Butia capitata* (Mart.) Becc.), bromélia chupi-chupi (*Aechmea nudicaulis* (L.) Griseb.), camarinha (*Gaylussacia brasiliensis* Meisn.), araticum-do-brejo (*Annona glabra* L.) (nas áreas úmidas), maracujá-roxo (*Passiflora* sp.), biguaçu (*Eugenia umbelliflora* O. Berg), pitangueira (*Eugenia uniflora* L.), araçá (*Psidium cattleianum* Sabine).

### **Resultado e discussões: conhecimento e uso de espécies alimentícias da Mata Atlântica pela Comunidade da Guarda do Embaú**

Foram realizadas 9 (nove) entrevistas com colaboradores-chave moradores da Guarda do Embaú, com idades variando de 34 e 97 anos, sendo 5 deles homens e 4 mulheres. Todos nasceram e vivem até então na comunidade. Com relação à distribuição do conhecimento sobre as plantas nativas com usos alimentícios entre

os homens e as mulheres, foi possível verificar que as mulheres citaram menor número de plantas que os homens. Os entrevistados mais jovens citaram maior número de espécies comparando com os mais velhos, acredita-se que por terem lembranças mais recentes em suas memórias e por ainda terem o hábito de consumir estas espécies. Porém, sobre os aspectos históricos da comunidade, como datas importantes, informações sobre as plantas cultivadas, a pesca artesanal, assim como acontecimentos que trouxeram “progresso” ao local, como a abertura de estradas, energia elétrica, geladeira, etc. os entrevistados mais velhos tinham mais a relatar.

Quatro dos entrevistados do sexo masculino possuem forte ligação com a pesca, apesar de os mais idosos não exercerem mais atividade por motivos de saúde, todos os entrevistados tem em sua principal fonte de renda atividades ligadas ao turismo, como pousadas, casas de aluguel, estacionamento, bares e restaurantes.

Foi constatado o uso de 23 espécies nativas das formações vegetais da Guarda do Embaú na alimentação da comunidade. Estas espécies estão distribuídas em 13 famílias botânicas distintas. As famílias mais representativas foram Myrtaceae, com 6 espécies (28 citações de uso), seguida de Arecaceae, com 4 espécies (10 citações de uso). As espécies mais citadas foram: araçá (*Psidium cattleianum* Sabine) com 7 citações de uso, seguida de bacupari (*Garcinia gardneriana*) com 6 citações de uso e as guabirobas (*Campomanesia littoralis* D. Legrand e *C. reitziana* D. Legrand) com 6 citações de uso cada. A parte comestível com maior frequência de uso foi o fruto (Figuras 5, 6 e 7).

**Figuras 5, 6 e 7- Espécies alimentícias citadas nas entrevistas.**



*Varronia curassavica*–  
Mijigriolo, Erva Balieira



*Gaylussacia brasiliensis*–  
Camarinha



*Psidium Cattleianum*–  
Araçá

Fonte: Arquivo dos autores.



*Schinus terebinthifolius*–Aroeira  
Fonte: Flora Digital



*Annona glabra* – Araticum-do-brejo  
Fonte: Flora Digital



*Bactris setosa* – Tucum  
Fonte: Flora Digital



*Melothria pendula* – Pepininho-  
do-mato  
Fonte: Flora Digital



*Inga sessilis* – Ingá  
Fonte: Flora Digital



*Byrsonima ligustrifolia*–  
Baga-de-pomba  
Fonte: Flora Digital



*Butia capitata* – Butiá  
Fonte: Flora Digital



*Posoqueria latifolia* – Baga-de-macaco  
Fonte: Flora Digital



*Garcinia gardneriana* – Bacupari  
Fonte: Flora Digital



*Euterpe edulis* – Palmitheiro  
Fonte: Flora Digital



*Syagrus romanzoffiana* – Jerivá  
Fonte: Flora Digital



*Aechmea nudicaulis* – chupi- chupi  
Fonte: Flora Digital

Fonte: Arquivo dos autores e Flora Digital (<https://floradigital.ufsc.br/>).

O fato de a família Myrtaceae ter a maior quantidade de espécies citadas não é uma novidade, pois muitos trabalhos já apresentaram esta família com usos consagrados pelas comunidades locais (Gandolfo, 2010; Nascimento, *et al*, 2015; Justen, *et al*, 2013, Coradin, *et al*, 2011). Na tabela abaixo (Tabela 1), é possível verificar todas as espécies citadas pelos entrevistados, assim como as formações vegetais em que elas possuem ocorrência e a forma de vida de cada espécie.

**Tabela 1-** Lista de espécies alimentícias utilizadas pela comunidade.

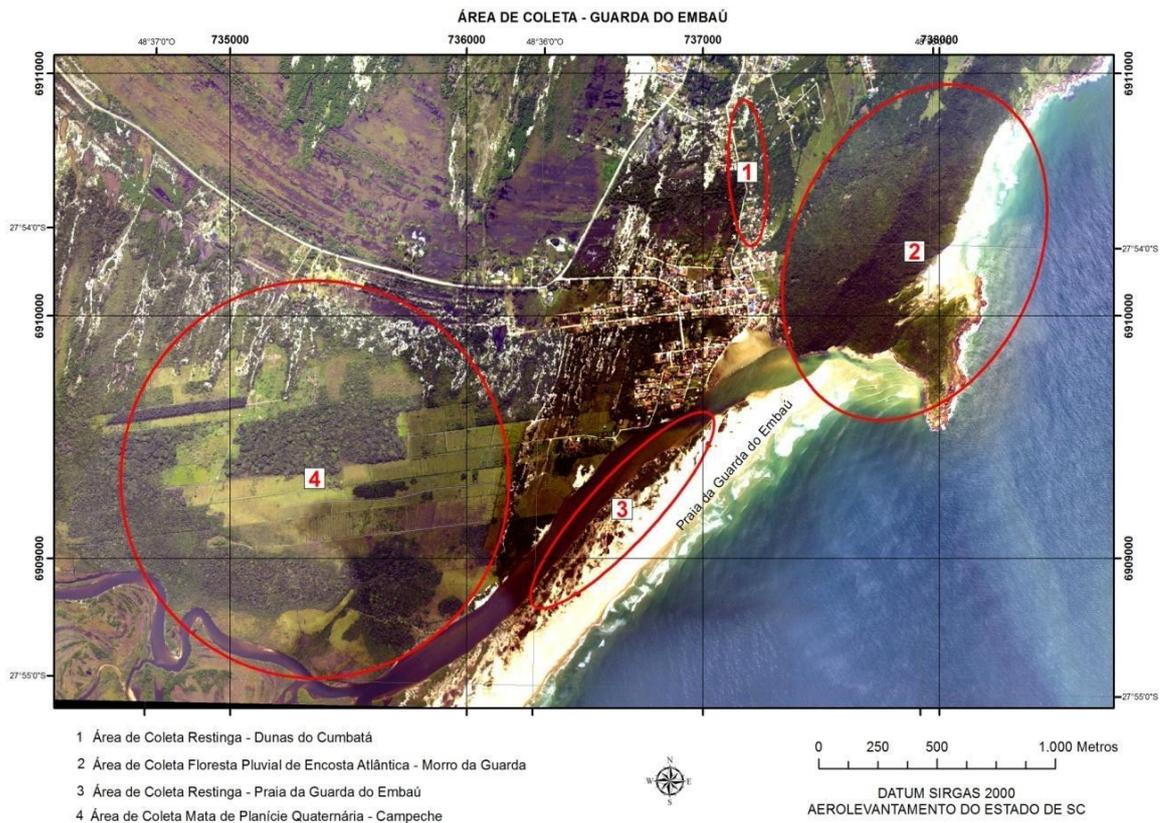
Família Botânica	Nome científico	Nome popular (Etnoespécie)	Parte Comestível	Formação Vegetal	Forma de Vida (porte)	Citações
Arecaceae	<i>Bactris setosa</i> Mart.	Tucum	Fruto	Floresta Pluvial da Encosta Atlântica	palmeira	3
Arecaceae	<i>Butia capitata</i> (Mart.) Becc	Butiá	Fruto	Restinga	palmeira	4
Arecaceae	<i>Euterpe edulis</i> Mart.	Palmito, Jussara	Caule (palmito)	Floresta Pluvial da Encosta Atlântica	palmeira	2

<b>Família Botânica</b>	<b>Nome científico</b>	<b>Nome popular (Etnoespécie)</b>	<b>Parte Comestível</b>	<b>Formação Vegetal</b>	<b>Forma de Vida (porte)</b>	<b>Citações</b>
<b>Arecaceae</b>	<i>Syagrus romanzoffiana</i> (Charm.)	Jerivá, Coqueiro	Fruto	Floresta Pluvial da Encosta Atlântica, Mata de Planície Quaternária	palmeira	1
<b>Myrtaceae</b>	<i>Eugenia uniflora</i> L.	Pitanga	Fruto	Floresta Pluvial da Encosta Atlântica, Restinga	Árvore	4
<b>Myrtaceae</b>	<i>Myrciaria glazioviana</i> (Kiaersk.) G.M.Barrosoex Sobral	Cabeludinha	Fruto	Floresta Pluvial da Encosta Atlântica, Mata Planície Quaternária	Árvore	1
<b>Myrtaceae</b>	<i>Psidium cattleianum</i> Sabine	Araçá	Fruto	Floresta Pluvial da Encosta Atlântica, Restinga, Mata Planície Quaternária	Árvore	7
<b>Myrtaceae</b>	<i>Campomanesia littoralis</i> D. Legrand.	Guabiroba	Fruto	Restinga	Árvore	6
<b>Myrtaceae</b>	<i>Campomanesia reitziana</i> D. Legrand.	Guabiroba	Fruto	Floresta Pluvial da Encosta Atlântica	Árvore	6
<b>Myrtaceae</b>	<i>Eugenia umbelliflora</i> O. Berg	Biguaçu	Fruto	Floresta Pluvial da Encosta Atlântica, Mata Planície Quaternária	Árvore	4
<b>Clusiaceae</b>	<i>Garcinia gardneriana</i> (Planch. & Triana)Zappi	Bacupari, Baquari	Fruto	Mata Planície Quaternária	Arbusto	6
<b>Ericaceae</b>	<i>Gaylussacia brasiliensis</i> (Spreng.) Meisn.	Camarinha	Fruto	Restinga	Arbusto	5
<b>Boraginaceae</b>	<i>Varronia curassavica</i> Jacq.	Erva Baleeira, Mijigrilo	Fruto	Restinga	Arbusto	5
<b>Bromeliaceae</b>	<i>Aechmea nudicaulis</i> Baker	Chupi-chupi, Bromélia	Flor	Restinga	Erva	3
<b>Malpighiaceae</b>	<i>Byrsonima ligustrifolia</i> A.Juss.	Baga-de-pomba	Fruto	Restinga, Mata de Planície Quaternária	Arbusto	3
<b>Passifloraceae</b>	<i>Passiflora</i> sp.	Maracujá roxo	Fruto	Floresta Pluvial da Encosta Atlântica, Restinga	Trepadeira	4

<b>Família Botânica</b>	<b>Nome científico</b>	<b>Nome popular (Etnoespécie)</b>	<b>Parte Comestível</b>	<b>Formação Vegetal</b>	<b>Forma de Vida (porte)</b>	<b>Citações</b>
<b>Anacardiaceae</b>	<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi	Aroeira	Fruto	Restinga	Árvore	1
<b>Fabaceae</b>	<i>Inga striata</i> Benth.	Ingá	Fruto	Mata de Planície Quaternária	Árvore	3
<b>Fabaceae</b>	<i>Inga sessilis</i> (Vell.) Mart.	Ingá macaco	Fruto	Mata de Planície Quaternária	Árvore	3
<b>Rubiaceae</b>	<i>Posoqueria latifolia</i> (Rudge) Roem. &Schult.	Baga-de-macaco	Fruto	Floresta Pluvial da Encosta Atlântica e Mata de Planície Quaternária	Árvore	2
<b>Annonaceae</b>	<i>Annona glabra</i> L.	Fruta-do-conde-silvestre, Araticum-do-brejo	Fruto	Bordas de banhados e várzeas úmidas	Arvoreta	1
<b>Cucurbitaceae</b>	<i>Melothria pendula</i> L.	Pepininho-do-mato	Fruto	Restinga	Erva Trepadeira	1

Fonte: Elaborado pelos autores.

Com relação às áreas de coleta, foram identificadas quatro áreas preferenciais para a coleta das espécies, sendo elas: Morro da Guarda (Floresta Pluvial da Encosta Atlântica), Campeche (Mata de Planície Quaternária), Dunas da Praia da Guarda (Vegetação Litorânea - Restinga herbácea) e Dunas do Cumbatá (Vegetação Litorânea - Restinga arbustiva). Estas áreas foram identificadas pelos próprios entrevistados com ajuda de fotografias aéreas da região, quando questionados dos locais onde as plantas eram coletadas/consumidas. Portanto, trata-se de área com localização aproximada (Figura 8).

**Figura 8 - Mapa colaborativo das Áreas de Coleta das Espécies Alimentícias.**

Fonte: Elaborado por: PIMENTA, L. H. F e BACCI, M. B. (2015)

As áreas de coleta que correspondem ao Morro da Guarda e ao Campeche foram as mais citadas nas entrevistas. Ambos locais bastante utilizados pela comunidade no passado, tanto para a implantação de roças como para criação de gado. Pelo fato de muitos moradores antigos possuírem ligação com estas atividades, acabavam frequentando estes locais e coletando as espécies de forma intencional. Já a área que corresponde ao Cumbatá, por ser um caminho histórico, que liga a Praia da Guarda do Embaú à Pinheira, os moradores utilizavam como passagem (antigamente a pé ou em carro de boi) e aproveitavam para coletar as espécies de forma ocasional. A área das dunas da Praia da Guarda do Embaú é mais utilizada/conhecida por pescadores, por se tratar de um local mais acessado por este grupo. Os quintais das casas também foram citados por alguns entrevistados como locais de coleta das plantas, porém não foi possível espacializá-los devido à escala adotada.

## Considerações Finais

Muitas espécies da flora nativa do bioma Mata Atlântica possuem potencial alimentício, porém são pouco conhecidas pela população em geral e menos ainda consumidas, cultivadas ou comercializadas. As populações tradicionais, por manterem uma relação direta com natureza há gerações, desenvolveram uma gama de conhecimentos ecológicos associados aos ecossistemas em que estão inseridos. Estes saberes estão ameaçados e podem ser perdidos se não forem registrados, valorizados e fomentados, pois o ritmo atual imposto pelo capitalismo e a tendência à urbanização acabam por extinguir os modos de vida tradicionais. A conservação da biodiversidade local está relacionada à conservação da cultura das comunidades tradicionais, pois esta relação dinâmica entre pessoas e natureza está incorporada no modo de vida, nos saberes e no saber-fazer destas populações.

O uso de espécies vegetais nativas faz parte do modo de vida das comunidades tradicionais e se expressa em sua cultura de diversas formas: como medicina, alimento, artesanato, construção, ornamento, higiene, religioso, entre outros. Na comunidade pesquisada foi possível constatar o vasto conhecimento associado à biodiversidade e à dinâmica dos ecossistemas em que estão inseridos. No entanto, percebe-se que para muitos o uso de espécies nativas como alimento é algo do passado ou de consumo ocasional, diferente de quando estas espécies eram consideradas um complemento nutricional na alimentação das famílias. Ainda que haja receitas que empregam espécies nativas, muitas foram substituídas por convencionais, vendidas nos mercados e feiras. Esse processo é inerente à expansão da urbanização e a conseqüente abertura de comércios e serviços que não faziam parte da rotina da comunidade.

Assim, considera-se de suma importância valorizar os conhecimentos e usos empregados às espécies da Mata Atlântica pelas comunidades tradicionais, sendo este um patrimônio de grande valor cultural que pode ser fomentado inclusive para fins turísticos. Acredita-se ser possível aliar a conservação da natureza aos modos de vida tradicionais, visto que muitas comunidades utilizam os serviços ecossistêmicos com baixa intensidade. Nesse sentido, as contribuições da Etnoconservação, Etnobotânica, Etnoecologia, Ecologia Histórica, entre outras áreas do conhecimento, tem apresentado dados de grande importância para a compreensão das relações entre grupos humanos e os ambientes em que estão

inseridos, visando criar mecanismos para que tanto a natureza quanto as comunidades tradicionais sejam preservados.

## REFERÊNCIAS

AB´SABER, A. N. Os **Domínios de Natureza do Brasil**: Potencialidades Paisagísticas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. 159 p.

ALBUQUERQUE, U.P. 2005. **Introdução à Etnobotânica**. 2aed. Rio de Janeiro: Editora Interciência.

BALÉE, WILLIAM. **The Research Program of Historical Ecology**. Annual Review of Anthropology, v. 35. 2006.

BRASIL. Decreto Federal nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007. **Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais**. Disponível em: [www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm)  
Acesso em: 05 de setembro de 2015.

BRASIL. RESOLUÇÃO CONAMA nº 261, de 30 de junho de 1999. Aprova parâmetro básico para análise dos estágios sucessivos de vegetação de restinga para o Estado de Santa Catarina. Disponível em: [www.mma.gov.br/port/conama/legiabre.cfm?codlegi=260](http://www.mma.gov.br/port/conama/legiabre.cfm?codlegi=260)

Acesso em: 05 de outubro de 2020.

BROCHADO, J.P. A **Expansão dos Tupi e da cerâmica da tradição policrômica amazônica**. Dédalo, 27, p. 65-82. São Paulo, 1989.

CORADIN, L; SIMINSKI, A; REIS, A. **Espécies Nativas da Flora Brasileira de Valor Econômico Atual ou Potencial** - Plantas para o Futuro - Região Sul. Brasília: MMA, 2011.p. 936.

DEAN, Warren. **A Ferro e Fogo**: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira. 1. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2004

DIEGUES, A. C.; ARRUDA, R. S. V. **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Ministério do Meio Ambiente: Brasília. 2000.

DIEGUES, A.C. **Etnoconservação da Natureza**: enfoques alternativos. In: DIEGUES, A.C. (Org.). Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos. São Paulo: Hucitec, 2000.

GANDOLFO, E. S. **Etnobotânica e urbanização**: conhecimento e utilização de plantasderestinga no Distrito do Campeche (Florianópolis, SC). 2010. 107 f. Dissertação (Mestrado em Biologia Vegetal) – Centro de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

HANAZAKI, N. **Comunidades, conservação e manejo**: o papel do conhecimento ecológico local. Biotemas 16, Florianópolis, 2003.

JUSTEN, J. G.K.; TORESAN, L.; HECK, T.C.; DALENOGARE, N. S. **Uso de plantas nativas alimentícias em Santa Catarina**. Agropecuária Catarinense, Florianópolis, SC, v. 26, n. 2, p. 92-96, 2013.

KLEIN, R. M. **Fisionomia, Importância e Recursos da vegetação do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro**. In: Sellowia anais botânicos do Herbário Barbosa Rodrigues. N.33. Itajaí, 1981.

KLEIN, R. M. **Aspectos dinâmicos da vegetação do Sul do Brasil**. In: Sellowia Anais Botânicos do Herbário Barbosa Rodrigues. N.36. Itajaí, 1984.

KLEIN, R. M. **Mapa Fitogeográfico do Estado de Santa Catarina**. Itajaí: Herbário Barbosa Rodrigues, 1978. 24 p.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE (MMA). **Mata Atlântica**. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/biomas/mata-atlantica>

Acesso em: 20 de janeiro de 2021.

OLIVEIRA, Rogério Ribeiro de. **Mata Atlântica, paleoterritórios e história ambiental**. In: Ambient. soc. vol.10 no.2. Campinas:Jul/Dez. 2007.

PROUS, André. **O Brasil antes dos brasileiros: a Pré-História do Nosso País**. Rio de Janeiro; Zahar, 2006.

## NOTAS DE AUTOR

### CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

**Mariama Brod Bacci** - Concepção. Coleta de dados, Análise de dados, Elaboração do manuscrito, revisão e aprovação da versão final do trabalho

**Jairo Valdati** – Participação ativa da discussão dos resultados; Revisão e aprovação da versão final do trabalho.

**Luiz Henrique Fragoas Pimenta** - Análise de dados, Elaboração de mapas, revisão e aprovação da versão final do trabalho.

### FINANCIAMENTO

Não se aplica

### CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica

### APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica

### CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica

### LICENÇA DE USO

Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

### HISTÓRICO

Recebido em: 27-09-2021

Aprovado em: 22-03-2022